

ATIVIDADE T2: MICHAEL LÖWY- Positivismo na Sociologia do Conhecimento

Laís D'Isep, nº USP 8969388

Com contribuições dos grupos e do professor

Michael Löwy é um pensador marxista brasileiro radicado na França, cuja obra abrange principalmente a sociologia do conhecimento, com ênfase nos estudos sobre o socialismo e as idéias radicais, além do estudo das artes e da literatura. Sua obra “Paisagens da verdade”, título do original francês do livro em estudo, trata notadamente das concepções positivistas no domínio das ciências sociais, examinando como o positivismo surge, nos séculos XVIII e XIX, como uma utopia crítico-revolucionária da burguesia antiabsolutista e torna-se, a partir do século XIX, uma ideologia conservadora identificada com a ordem (industrial/burguesa) estabelecida.

Tal utopia revolucionária, embasada no Iluminismo, tem como pioneiro Condorcet, que acreditava que as ciências sociais, seguindo o modelo das ciências naturais, poderiam explicar a sociedade sem os “interesses e paixões” da classe dominante, o que poderia favorecer o combate do Terceiro Estado (a burguesia e os trabalhadores) contra a ordem feudal-absolutista. As ideias de Condorcet são defendidas pelo seu seguidor Saint-Simon. Diferentemente dos positivistas posteriores, sua definição do estudo da sociedade como uma “fisiologia social” não se associa com o objetivo de conservação da ordem estabelecida, mas possui uma função crítica e contestadora. Simon defendia a luta dos produtores contra os “parasitas” clericais-feudais. É o positivismo comtiano que rompe com essa vertente revolucionária. Comte repudia a “disposição revolucionária” de Saint-Simon. O método positivo em Comte se orienta para afastar ideias subversivas utilizando o mesmo princípio metodológico de uma ciência natural da sociedade.

Ancorado, portanto, em princípios metodológicos importados das ciências naturais para o estudo social, o positivismo está fundamentado nas seguintes premissas:

1. A sociedade é regida por leis naturais, invariáveis e independentes da vontade e da ação humana; na vida social, reina uma harmonia natural;
2. A sociedade pode ser epistemologicamente assimilada pela natureza e ser estudada pelos mesmos métodos e processos empregados pelas ciências da natureza;
3. As ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos.

Quando um ou outro destes três axiomas está integrado em uma investigação metodológica distinta do positivismo, pode-se falar de uma dimensão positivista.

O positivismo moderno nasceu como descendente da filosofia do Iluminismo. **Condorcet** foi quem contribuiu da maneira mais direta e imediata para a nova corrente, com pensamentos de que a economia política e todo o conjunto dos fenômenos sociais podem estar submetidos à “precisão do cálculo” e ao método das ciências da natureza. Propõe então a ideia de uma ciência natural da sociedade ou de uma “matemática social” baseada no cálculo das probabilidades, permitindo seguir nas ciências sociais um caminho quase tão seguro quanto aquele das ciências naturais. Este ideal prevaleceu durante dois séculos no meio positivista.

Há ainda no pensamento sobre a ciência de **Condorcet** um significado utópico-crítico, que serviu de instrumento de luta contra as doutrinas teológicas, fundadoras dos dogmas imutáveis do feudalismo e do absolutismo. Dessa maneira, o obscurantismo clerical é combatido pelo cientismo positivista, associado à luta revolucionária dos Enciclopedistas e da filosofia Iluminista contra a ideologia tradicionalista (principalmente clerical) do Antigo Regime. Ilustrativo de seu pensamento, a citação de Galileu em favor de um conhecimento livre de superstição é empregada para defender sua concepção de ciências sociais. Condorcet julgava que quanto mais os objetos submetidos à razão tocassem os interesses de clericais e aristocráticos, mais o desenvolvimento do homem iria retardar.

Discípulo de Condorcet, **Saint-Simon** foi o primeiro a empregar o termo “positiva” e definiu a ciência da sociedade como uma “fisiologia social” (ponto de vista da física dos corpos organizados). Seu pensamento considera que a ciência política positiva pode ser neutra e objetiva e que somente dessa forma as questões políticas podem apresentar soluções e resultados, acabando com a “infância da ciência”.

Esta “naturalização” tem um significado eminentemente crítico e contestador (diferente dos positivistas posteriores) apelando abertamente pelo fim do absolutismo e por uma “mudança de regime” na França. Quando **S. Simon** abandona o ponto de vista “burguês-revolucionário” para se reaproximar da classe “mais pobre e a mais numerosa”, surge o “Novo Cristianismo” (1825), que já se situa no terreno do socialismo utópico.

Auguste Comte é considerado o fundador do positivismo, pois inaugura a transmutação da visão de mundo positivista em ideologia (ou seja, em sistema conceitual e axiológico que tende à defesa da ordem estabelecida). Sua obra representa precisamente o ponto de vista reconhecido da escola positivista moderna nas ciências sociais. Comte proclamava que a descoberta das leis sociológicas era interdita a Condorcet e Saint-Simon pelos “seus

preconceitos revolucionários”, alterando então a função do conceito de “preconceito”, que passa a servir para designar o próprio pensamento utópico-crítico do Iluminismo.

Comte utiliza o mesmo sistema intelectual que servira a Condorcet e a S. Simon para combater as ideologias tradicionalistas: o princípio metodológico de uma ciência natural da sociedade. Este pensador propõe o termo “Física Social” para o estudo dos fenômenos sociais.

A ruptura ideológica com S. Simon ocorre em razão de **Comte** se aproximar dos pensamentos da contra-revolução, procurando afastar a ameaça que representam as idéias negativas, críticas, anárquicas, dissolventes e subversivas da filosofia do Iluminismo e do socialismo utópico.

A nova ordem industrial progressista tornou-se a referência das “leis naturais invariáveis” (a partir de uma visão segundo a qual há identidade entre sociedade e natureza), frequentemente exemplificadas com fenômenos econômicos. Para exemplificar suas ideias, é interessante destacar que Comte naturaliza o fenômeno econômico da concentração do capital na mão de poucos, julgando que os proletariados deveriam se conformar a tal “lei econômica natural”. Convém ressaltar que tal ideia foi ridicularizada por Karl Marx, cujas ideias são totalmente contrárias àquelas de Auguste Comte. Marx cita Comte ironicamente em uma passagem do *Capital*, principal obra do autor: “(...) Auguste Comte e sua escola procuraram demonstrar a eterna necessidade dos senhores do capital; eles teriam, tão bem quanto e com as mesmas razões, podido demonstrar a eterna necessidade dos senhores feudais”.

A apologia ideológica da ordem (industrial/burguesa) estabelecida aparece, portanto, no discurso positivista como seu revestimento. Nesta ótica positivista, o axioma de uma ciência natural, neutra e rigorosamente objetiva, dos fatos sociais constitui a base para os estudos sociais. A propósito, a questão da neutralidade científica, central na visão positivista, foi muito discutida em sala de aula. As evidentes contradições do pensamento positivista permitem constatar que o total distanciamento do cientista social em relação ao seu objeto de estudo (como meio de obter objetividade) constitui um ideal, em prática, inatingível.

De toda forma, a semente do positivismo comtiano com suas premissas metodológicas tornou-se de maneira direta ou indireta um dos pilares da ciência universitária (ou institucional) moderna, até hoje. Cabe enfim observar que o termo “sociologia” foi criado por Comte como neologismo da Física Social, mas foi somente Durkheim considerado seu pai.